



Imagens Da Multidão: As Mídias Locativas na Construção das Manifestações Contemporâneas¹

Kênia Cardoso Vilaça de FREITAS²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Nesse trabalho pretendemos discutir as relações entre as lutas biopolíticas contemporâneas, a construção de suas imagens e sua expansão pelas tecnologias móveis de comunicação. Para isso, primeiro, analisaremos algumas das manifestações da multidão que estão em acontecendo atualmente, sobretudo o movimento dos 15M, na Espanha. Em seguida, nos deteremos em pensar como as transformações no campo do audiovisual e da comunicação afetam a construção de imagens da Multidão.

PALAVRAS-CHAVE: biopolítica; imagem; mídias locativas; multidão.

TEXTO DO TRABALHO

Em janeiro de 2011 milhares de pessoas ocuparam a Praça Tahrir, no Cairo, capital do Egito. O local habituado historicamente a receber manifestações populares no país, logo viu os primeiros 10 mil manifestantes multiplicarem-se em algumas centenas. E, em menos de um mês, essas centenas se transmutaram em mais de milhão durante as manifestações oficiais. Entre desempregados, migrantes, estudantes, e tantos outros, em comum a determinação em não ceder o espaço da praça até a queda do presidente Hosni Mubarak.

Poucos meses depois, e um Mediterrâneo de distância, uma multidão de *indignados*³ ocuparam diversas praças, nas principais cidades da Espanha. Era o começo das manifestações dos 15M – batizados assim, justamente pelo dia do início das manifestações: 15 de maio. Ainda que partindo de uma estratégia similar, o foco das manifestações espanholas é menos simbolicamente preciso: não há um presidente-ditador a ser retirado imediatamente do poder. No entanto, há a mesma insatisfação com questões da crise da economia global e a mesma determinação de ocupar o território da

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Multimídia do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Doutoranda do curso de Comunicação da ECO-UFRJ, email: kenialice@gmail.com.

³ Os manifestantes do 15M espanhóis foram batizados indignados pela cobertura midiática do país, que os caracterizava pela insatisfação econômica e política. O apelido foi adotado pelo movimento, como forma de auto-afirmação.



cidade – constantemente desalojados e re-alojados as ocupações e acampamentos prolongam-se, entre idas e vindas, desde então.

Os exemplos parecidos e tão díspares entre si, quanto nesses dois casos, poderiam prosseguir pelas lutas democráticas na Líbia e na Tunísia; pelas manifestações contra o endividamento na Grécia e, mesmo, pela greve estudantil do Chile. Focos e reivindicações tão diversos e uma estratégia antiga em comum: a retomada da cidade pelos corpos dos cidadãos. Também em comum a organização pela rede, mobilização, prática política e divulgação: as esferas de produção de filmes e textos nas redes sociais se indiscernem – são todas táticas de luta.

Se fossemos traçar um movimento embrionário para as manifestações da *multidão* contra o *Império* – já tomando emprestadas aqui as expressões de Michael Hardt e Antonio Negri, as quais voltaremos no decorrer desse artigo –, poderíamos propor as manifestações contra o encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 1999, em Seattle, nos EUA. Seattle já se caracterizava pela união de coletivos e singularidades diversas e pela ocupação ostensiva das ruas urbanas. No entanto, duas diferenças nos parecem essenciais como inflexões das manifestações atuais. A primeira, é o caráter local das lutas mais recentes – ainda que a globalização econômica continue sendo o contexto que pressiona cada um desses países, as reivindicações concentram-se em pautas específicas e nacionais⁴. A segunda diz respeito ao uso das tecnologias de comunicação como estratégia de luta e/ou organização. Todos esses movimentos, com maior ou menor intensidade, foram (ou estão sendo) mobilizados também pelas redes sociais e informacionais da rede mundial de computadores. Sua estratégia fundamental parece ser usar estes novos elementos de comunicação para a ocupação do espaço urbano – o *download do ciberespaço* na cidade, como veremos a seguir.

São essas relações entre as lutas biopolíticas recentes, a construção de suas imagens e sua expansão pelas tecnologias móveis de comunicação que pretendemos discutir nesse texto. Primeiro, analisando algumas das manifestações da multidão que estão em acontecendo atualmente, sobretudo o movimento dos 15M, na Espanha. Em seguida, nos deteremos em pensar como as transformações no campo do audiovisual e da comunicação afetam a construção de imagens da multidão.

Desde já, assumimos a impossibilidade de dar conta de forma completa de todos os nós destes encontros tão vastos e ambíguos. Mas fazemos o convite para a construção de

⁴ Nesse aspecto é importante ressaltar a filiação das lutas políticas contemporâneas aos movimentos ligados ao Maio de 1968 na França.



hipóteses e possibilidades. Assim como as lutas que se travam neste momento, cotidianamente, pelas praças e ruas diversas das cidades, não sabemos ao certo onde chegaremos ou o que (e se) conquistaremos. Resta-nos o desejo de prosseguir nas trilhas deixadas pela multidão.

A Multidão e as Biolutas

Eis que surge das praças de diversas metrópoles mundiais uma nova forma de resistência. Um fazer político que passa pela criação, pelo microcosmo, pelo cotidiano. No ato de acampar, estratégia herdada dos movimentos operários-sindicais mais tradicionais, adotado na Espanha e no Egito, a escolha pelo convívio coletivo, pelo contato e pela invenção de novas experiências na cidade. Outra fruição da cidade ocupada criando pequenos acontecimentos, que escapam ao controle e engendram novos tempos-espacos (DELEUZE, 1992, p. 218).

Estamos no terreno do que Michael Hardt e Antonio Negri chamaram (adaptando o termo foucaultiano) de lutas biopolíticas: ao mesmo tempo econômicas, políticas e culturais. Ou seja, formas de resistência que passam diretamente pela vida, criando novos espaços públicos e novas formas de comunidade (2006, p. 75). Segundo os autores, a contemporaneidade está marcada pela inversão do *slogan* feminista dos anos 1960: “O pessoal é político” – agora com a diluição dos limites entre público e privado, até a esfera pública é íntima (Ibdem, p. 216). Hardt e Negri falam em duas formas de resistir ao controle: a construção de um novo corpo (de uma nova vida) e a deserção, o êxodo, a desterritorialização desse novo corpo. Desterritorialização também dos fluxos urbanos.

Para os autores, essa transformação corpórea passa por admitir que não existe uma natureza humana separável da natureza como um todo: “Não existem fronteiras fixas e necessárias entre o homem e o animal, o homem e a máquina, o macho e a fêmea, e assim por diante; “... é um terreno artificial aberto a todas as novas mutações e misturas, a todos os hibridismos” (Ibdem, p. 235). Nesse sentido, podemos pensar a construção das imagens da multidão também como uma dobra para esse novo corpo: a câmera celular ou portátil seria uma prótese criativa que constituiria uma nova convergência homem-máquina, engendrando outros processos de subjetivação e de resistência.

No contexto de uma economia globalizada, que funciona pelo fluxo transnacional constante de informações, mercadorias e pessoas, o controle dos deslocamentos humanos passa a ser uma questão política fundamental. Por isso mesmo, um dos



campos de batalha contemporâneos seria ainda o simples direito de se deslocar – ou de questionar e subverter os fluxos de circulação.

Pensando sobre os processos de subjetivação contemporâneos, Peter Pál Pelbart também destaca a importância intensificada dos deslocamentos – denominando esse movimento de nomadização:

O Império se nomadizou completamente. Ou melhor, ele é a resposta política e jurídica à nomadização generalizada. Ele mesmo depende da circulação de fluxos de toda ordem a alta velocidade, fluxos de capital, de informação, de imagem, de bens, mesmo e sobretudo de pessoas (PELBART, In: Lugar Comum n. 17, p. 35).

E é justamente no movimento de fuga dos fluxos que o autor vê o surgimento de processos de resistência subjetiva contemporâneos. Nesse sentido, a falta de raízes do nômade, do migrante, mais do que na individualização e na perda de sentido, resultaria em uma potência de vida: a potência do nômade. Para Pelbart, “O nômade, como o esquize, é o desterritorializado por excelência, aquele que foge e faz tudo fugir. Ele faz da própria desterritorialização um território subjetivo” (Ibidem, p. 34). Assim, mais do que lutar contra a dominação ou a exploração, o terreno comum das lutas atuais seria contra o assujeitamento. Diagnóstico que Pelbart vai resgatar da teoria foucaultiana.

Para Foucault, as teorias e lutas locais, regionais e descontínuas, que ganham exponencialidade a partir do movimento de 1968 na França, estariam descobrindo as formas como se exerce o poder e começariam a traçar estratégias para combatê-lo. Foucault acredita que o processo revolucionário não implica apenas a luta de classes, mas também as resistências específicas. Para o autor:

As mulheres, os prisioneiros, os soldados, os doentes nos hospitais, os homossexuais iniciaram uma luta específica contra a forma particular de poder, de coerção, de controle que se exerce sobre eles. Estas lutas fazem parte atualmente do movimento revolucionário, com a condição de que sejam radicais, sem compromisso nem reformismo, sem tentativa de reorganizar o mesmo poder apenas com uma mudança de titular (FOUCAULT, 1979, p. 78).

E o que acontece quando esse conjunto de lutas específicas passam a atuar em conjunto, sem suprimir ou passar por cima das singularidades, mas tentando operá-las como potência? Nesse cenário, estamos próximos a definição de Negri e Hardt para *multidão*. Afinal, como afirma Negri: “Multidão é o nome de uma imanência. A multidão é um



conjunto de singularidades” (In: Lugar Comum n. 19-20, p. 15). A soma das singularidades resultaria dessa forma também da sua cooperação. Podemos falar na corporificação das lutas, da sua vitalização. Ou, como prefere Negri, na sua encarnação:

Tal como a carne, a multidão é pura potência, ela é a força não formada da vida, um elemento do ser. Como a carne, a multidão também se orienta para a plenitude da vida. O monstro revolucionário chamado multidão que surge no final da modernidade busca continuamente transformar nossa carne em novas formas de vida. (Ibdem, p. 19).

Transformar a carne em novas formas de vida e recuperar o direito de circular livremente, subvertendo os circuitos previamente programados pelo Império: eis os desafios da multidão. Para Negri e Hardt, essas são questões da cidadania global, sendo esta cidadania “o poder do povo de se reapropriar do controle sobre o espaço e, assim, de desenhar a nova cartografia” (2006, p. 424). Nesse sentido, circular seria a primeira ação ética da multidão contra o Império:

A virtualidade do espaço mundial constitui a primeira determinação dos movimentos da multidão – uma virtualidade que precisa ser tornada real. O espaço que pode meramente ser percorrido precisa ser transformado no espaço da vida; a circulação precisa tornar-se liberdade. Em outras palavras, a multidão móvel precisa conquistar uma cidadania global. A resistência da multidão ao cativo – a luta contra a sujeição de pertencer a uma nação, a uma identidade, a um povo, e portanto a deserção da soberania e dos limites que ela impõe à subjetividade – é inteiramente positiva (Ibdem, p. 383-384).

Nesse sentido, para os autores esse nomadismo universal e a miscigenação de indivíduos e população estariam produzindo novas configurações de luta e de subjetividade. Podemos ver reflexos desse processo na configuração do movimento dos indignados espanhóis, o 15M. Para começar, as manifestações partiram da união de coletivos diversos, entre eles: a *Democracia Real Ya*, uma associação de militantes digitais que incita a recusa ao voto; o *V de Vivienda*, um movimento de luta pela moradia desenvolvido em rede; o movimento dos “*hipotecados*”, uma plataforma de ajuda recíproca das famílias e indivíduos despejados por endividamento e, por fim, *coletivos do cognitariado urbano*, sem militantes orgânicos⁵. A estes coletivos juntaram-se também:

⁵ Esses coletivos são descritos no texto “A Espanha rebelde”, publicado por Antonio Negri na Revista Global, número 14. Disponível em: <http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?p=663>.



... a classe média empobrecida, desempregados, pequenos empresários em crise, profissionais que não conseguiram sucesso, ou foram rejeitados pelas empresas, trabalhadores autônomos recentemente golpeados pela crise, ou assediados pelo fisco, — a quem se juntam os cidadãos sem casa própria e sem condições de adquiri-la, os que vivem como inquilinos (Ibdem).

A união dessas singularidades e coletivos diversos, sob o slogan “todos juntos”, resultou em um movimento não-identitário, que busca organizar-se pela democracia direta: fala-se sempre em primeira pessoa. Dessa forma, tentando construir outro modelo de representação, as redes e as assembléias funcionam como elementos complementares, que Negri descreve da seguinte forma:

De um lado, as redes; de outro, as assembléias. Partindo das assembléias nas praças centrais das cidades, se chega “em rede” às assembléias locais, nos bairros das metrópoles e, finalmente, às pequenas cidades e vilas. O retorno, por sua vez, é direto e veloz. A organização da base — pela base — pelas assembléias constitui assim o percurso e a estrutura da “democracia real”, além da representação. A rede oferece uma temporalidade imediata. Já na organização/difusão espacial (quando os tempos são mais longos), as assembléias institucionalizam o movimento (Ibdem).

“Ninguém nos representa” é outro slogan que mobiliza os indignados. Assim, a democracia direta nas assembléias funciona de forma exemplar. Segundo a descrição de Negri, na pauta, os temas mais recorrentes são: o trabalho precário, o direito à moradia, a tributação, o sistema eleitoral e judiciário e os serviços comuns, como educação e saúde. Questões eminentemente locais, sim. Mas todas intrinsecamente ligadas à organização do capitalismo global. Assim, Negri e Hardt acreditam que:

Devíamos ser capazes de reconhecer que, o que as lutas perderam em extensão, duração e comunicabilidade ganharam em intensidade. Devíamos ser capazes de reconhecer que embora todas essas batalhas se concentrem em suas circunstâncias locais e imediatas, ainda assim elas levantam problemas de relevância supranacionais, problemas próprios da nova configuração da regulamentação capitalista imperial (HARDT e NEGRI, 2006, p. 73).

Intensidade das lutas e dos encontros no espaço da cidade, este nos parece um dos motes recorrentes das manifestações urbanas recentes. Acreditamos que o que está em questão nas manifestações contemporâneas é também a retomada das cidades pelas



peçoas, não só como espaços funcionais a serem ocupados, mas também a construção de afetos e de experiências. Não só como território, mas também como promessa. O processo de organização dos *indignados* da Espanha destaca-se pela tentativa de construção coletiva entre grupos e singularidades diversas, como vimos.

Iremos analisar, a seguir, algumas relações entre a cidade e suas imagens no cinema, e como essa relação passa por uma transformação a partir dos dispositivos de mídia locativas e móveis. E as dobras políticas dessas novas formas de comunicação e representação.

O cinema e as imagens da cidade

Deleuze já destacava a perambulação pela cidade como um dos aspectos do cinema moderno: em vez de uma ação com um destino ou um objetivo definido (do cinema clássico), passa-se a idas e vindas por um espaço qualquer. Nas palavras do autor referenciando Cassavetes: “trata-se de desfazer o espaço, tanto quanto a história, a intriga ou a ação” (DELEUZE, 1985, p. 255). Nesse sentido, a circulação pela cidade mais desconstrói a noção de um espaço totalizado. A cidade fragmenta-se junto com as narrativas cinematográficas do pós Segunda Guerra Mundial.

Já, para Jean-Louis Comolli, mais do que uma questão de desconstrução das cidades, trata-se de reconstruí-las, mas pelo cinema: “De tanto filmá-las, o cinema não só revela alguma coisa do destino cinematográfico das cidades (a gênese urbana do cinema), mas o transforma: pouco a pouco, a cidade filmada substitui toda cidade real, ou melhor, se torna o real de toda cidade” (COMOLLI, 2008, p. 179) . Para o autor, ao registrar durações e passagens, o cinema seria capaz de captar a fluidez das cidades e das suas multidões – no que essa relação tem de singular, a expressividade dos corpos, e de universal, formas, linhas, ritmos, repetições. Nesse sentido, o cinema que filma as cidades atrelaria a pulsão escópica à pulsão urbana. No entanto, Comolli acredita que a história de amor entre cinema e cidade possa estar chegando ao fim: dominada pela publicidade, pelos turistas e pelas câmeras de vigilância, a representação urbana não seria mais a mesma. O autor enxerga apenas um último núcleo de resistência: “Eu diria que essa cidade invisível é aquela do cinema documentário, a cidade que se mantém reservada, na borda do quadro, que não se entrega aos olhares, que se esquiva da tomada” (Ibidem, p. 185). Será o documentário contemporâneo o local propício para a reinvenção das cidades invisíveis, como as descreveu Ítalo Calvino?

Para Marc Augé, as cidades contemporâneas seriam produtoras de não-lugares:



Espaços que não são em si espaços antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (AUGÉ, 1994, p. 73).

Para Augé, ainda que não identitários ou relacionais, esses não-lugares preservariam uma espécie de “encanto vago”, dos encontros ao acaso, da possibilidade de aventura. Para o autor, seria possível quantificar esses não-lugares somando-se a extensão das vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias, infovias, aeroportos, estações, hotéis, parques de lazer, entre outros lugares que “mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo” (Ibdem, p. 74).

Nesse sentido, André Lemos acredita que as novas mídias, entre elas o celular, estariam constituindo uma cultura das desterritorializações e reterritorializações. Por um lado, a comunicação das redes telemáticas planetárias colocaria em questão fronteiras anteriormente bem definidas. Por outro, o uso individual das redes, como nos *blogs*, nos sites, nos *chats*, nas redes sociais, seria uma maneira de reapropriação e reocupação dos lugares. Por isso, para Lemos, “compreender a cibercultura só é possível a partir de um pensamento móvel, que dê visibilidade a processos de mobilidade urbana, de cidades globais e nomadismos informacionais”.⁶ Aliás, para o autor é justamente essa a característica das mídias locativas: aliar localização e mobilidade.

Para Adriana Souza e Silva, esse lugar construído pelas mídias locativas seria um espaço híbrido, definido pela convergência dos espaços físicos e digitais: “Espaços híbridos são espaços nômades, criados pela constante mobilidade dos usuários que carregam aparelhos portáteis de comunicação, como telefones celulares, continuamente conectados a internet e outros usuários” (SILVA, In: PARENTE, 2004, p. 282). Para a autora, os projetos artísticos que constroem espaços híbridos já não se restringem aos ambientes fechados ou aos museus; eles ganham as ruas transformando nossa relação com o espaço urbano. Ao mesmo tempo em que “as cidades também se re-configuram como espaços híbridos e a arte midiática contribui substancialmente para a transformação de espaços de circulação urbanos em lugares de sociabilidade” (Ibdem, p.

⁶ Citações do artigo: Ciberespaço e Tecnologias Móveis – Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura, p. 8-9. In: Carnet de Notes, < <http://andrelemos.info/publicacoes/artigos/>>.



285). Os não-lugares e os espaços vazios ganham assim novas significações e possibilidades.

Podemos dizer que as influências das mídias móveis e locativas na construção de espaço híbridos e nômades estão sendo grandes inflexões nos processos de lutas políticas contemporâneas. Mais do que uma simples ferramenta de divulgação ou veiculação, a rede tem funcionado muitas vezes como elemento estrutural. Antonio Negri e Michael Hardt apontam o uso das redes sociais como fundamental na revolta dos países árabes:

O predomínio das ferramentas das redes sociais nas revoltas, como o facebook, o youtube e o twitter, são sintomas, não causas, dessa estrutura organizacional. Elas são formas de expressão de uma população inteligente, hábil para usar as ferramentas à mão e organizar-se autonomamente.⁷

Nesse contexto, tais ferramentas seriam fundamentais para que as manifestações pudessem acontecer sem um centro único ou sem serem comandadas por forças políticas tradicionais de resistência – fatores que poderiam ter facilitado a repressão e desmobilizado o engajamento.

Recentemente muitos teóricos do ciberespaço passaram a empregar o conceito de realidade aumentada. A princípio essa ideia está ligada a uma expansão das mídias locativas: telefones celulares, aparelhos de GPS, computadores portáteis e outros aparelhos que dão mobilidade e portabilidade à internet e a seu universo. Se nos anos 1990 temia-se uma perda do mundo no virtual, a imersão dos corpos paralisados nas realidades simuladas, as mídias locativas dos anos 2000 conseguiram inverter essa lógica. Ao invés de *upload* do corpo para o ciberespaço, deu-se o *download* deste para a realidade: não o corpo inerte, preso a aparelhos de simulação, mas o corpo móvel, que circula pelo espaço urbano portando pequenos aparelhos integrados à rede mundial de computadores. André Lemos define esse processo da seguinte forma:

A informação eletrônica passa a ser acessada, consumida, produzida e distribuída de todo e qualquer lugar, a partir dos mais diferentes objetos e dispositivos. O ciberespaço começa assim a “baixar” para coisas e lugares, a “pingar” no “mundo real”. A metáfora do *download* mostra bem a atual ênfase da localização e da mobilidade física e informacional de pessoas, objetos e informações, ressaltando relações espaciais concretas nos lugares (públicos e privados). O *download* do ciberespaço cria uma nova territorialização do espaço, a territorialidade informacional. O lugar não é mais um problema para

⁷ Citado do texto: Negri e Hardt escrevem sobre a revolta árabe, no site Outras Palavras. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/02/25/arabes-desbravam-uma-nova-democracia/>.



acesso e trocas de informação no ciberespaço “lá em cima”, mas uma oportunidade para acessar informação a partir das coisas “aqui em baixo”.⁸

O uso desta realidade aumentada tem se mostrado múltiplo: da publicidade à arte interativa, passando por guias turísticos e de simples navegação, e chegando as lógicas de manifestação da multidão – do Cairo à Madrid, de Atenas à Santiago, podem-se acompanhar as grandes manifestações via transmissão ao vivo pela internet – o chamado *livestream*.

Mas será que se trata, de fato, de um aumento da realidade? É essa questão que se coloca André Lemos. Para o autor, melhor seria falarmos de uma realidade construída – mais uma! – ou, mesmo, de uma realidade diminuída. Pois esses dispositivos integrados ao espaço urbano não o ampliariam realmente. Ao contrário, limitando-se a suas funções de uso, estabelecidas *a priori* na programação da máquina, eles fariam um recorte e um modo de usar da realidade. Por exemplo, um turista que esteja usando um programa de localização via celular em uma megalópole só encontrará as informações que foram anteriormente cadastradas: os hotéis, os restaurantes, os museus. E, por mais amplo que seja, essa programação nunca será completa – ou entraríamos no pesadelo borgesniano de um mapa que é exatamente do tamanho do território e, por isso mesmo, absolutamente inútil. André Lemos fala, assim, de construção do real pela redução das complexidades através de um agenciamento híbrido (sujeito, dispositivo e lugar). E a esse processo Lemos chama de narrativa. Esta seria dependente diretamente da presença de um sujeito que porte o dispositivo e se desloque pelo espaço urbano; um sujeito que passe pelas experiências – mais do que isso, que as invente enquanto as vive. Esse sujeito mediará um dispositivo que colaria a rede ao mundo, ou a outros sujeitos. A presença de um sujeito que, através de um aparelho, mediará sua relação e sua experiência com o mundo tendo como resultado a construção de uma narrativa – não estaríamos com essa definição de volta ao terreno cinematográfico?

Para Lev Manovich, as lógicas que regem as novas mídias comunicacionais estariam intrinsecamente conectadas ao cinema. Em seu livro *The language of new media*, o autor investiga as maneiras como as novas mídias ainda são influenciadas por outras formas culturais e os que pontos em que há uma ruptura entre as duas. Para o autor, a nova mídia é herdeira tanto da invenção do daguerreótipo quanto dos primeiros

⁸ LEMOS, André. Arte e Mídia Locativa no Brasil. Texto disponível em: *Carnet de Notes*, <<http://andrelemos.info/publicacoes/artigos/>>. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVIII Encontro a Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.



computadores, até porque as duas invenções deram-se sincronicamente e ambas “foram absolutamente necessárias para o funcionamento da sociedade moderna de massas”⁹ (MANOVICH, 2001, p. 22). Nesse sentido, a mídia de massa (cinema, televisão e rádio) e o processamento de dados seriam tecnologias complementares. E as novas mídias seriam justamente o terreno em que essas tecnologias convergiram após anos de desenvolvimento paralelo.

Nesse sentido, o cinema foi, na opinião de Manovich, a “multimídia” moderna original. Nesse sentido, ele já combinava (e continua combinando) elementos de mídias diversas – fotografia, som, animação e texto – em uma mesma tela, em um mesmo objeto: o filme. A questão da identificação também passaria pela sétima arte. Mas, enquanto no cinema o espectador identifica-se com a imagem corporal de outra pessoa, nas novas mídias interativas – para navegar em uma página da internet, por exemplo – o usuário identifica-se com a estrutura mental de outra pessoa.

A questão do tempo real já estava, de certa forma, presente na imagem da televisão e do vídeo, mas ela se intensifica no computador. Principalmente porque na tela do computador não há mais lugar para a identificação com uma única imagem, ela é, em geral, coabitada por várias janelas e imagens ao mesmo tempo. Para Manovich:

A interface de janelas tem mais relação com o design gráfico moderno, que trata a página como uma coleção de diferentes mas igualmente importantes blocos de dados como texto, imagens, e elementos gráficos, do que com a tela cinematográfica (Ibdem, p. 97).

A tela do computador seria o primeiro tipo de tela a ter como premissa o deslocamento do corpo, e não a sua fixidez. Desde o uso de aplicativos e *softwares* diversos até experiências mais elaboradas de realidade virtual, na nova mídia não se trata mais de espectadores imóveis e sim de usuários participantes. Algo próximo do que Lemos chamou de *download* do ciberespaço no mundo. Para Manovich, estamos passando pelo fim do aprisionamento do corpo.

Fica, portanto, evidente a importância que Manovich dá ao cinema para pensar as novas mídias, principalmente sua estética – o cinema seria a “aparência” da era do computador, o seu código. Mas como podemos pensar o próprio cinema a partir do momento que ele passa a ser produzida com os dispositivos das mídias locativas? Poderíamos destacar como características desse cinema-móvel sua portabilidade, o

⁹ As citações do livro de Manovich neste texto são de tradução livre.



tempo imediato, a conexão e a difusão em rede. Para André Lemos, esses elementos se configuram como um aspecto fundamental dessa produção:

Qual é a diferença entre um filme feito no celular (com uma história, argumento e edição) de outro feito com qualquer câmera portátil (como super-8 ou Mini-DV)? (...) A diferença fundamental é, efetivamente, a rede, a potência de conexão e de colaboração, que no caso da disseminação da fotografia popular ou do vídeo/cinema, não existia. Essa diferença cria elementos que implicam uma fruição estética particular. Pequenos excertos do dia-a-dia, em mobilidade, disseminados, exploram as potencialidades da portabilidade, da mobilidade, da conectividade e da ubiquidade. Agora a lógica é “uma câmera na mão e conexões na cabeça” (LEMOS, 2007).¹⁰

Manovich vai chamar a atenção para outro aspecto dessa produção: o fato dela se constituir cada vez mais de conteúdos produzidos por não-profissionais da imagem. Essa mudança refletiu-se também nos hábitos dos usuários da internet, que segundo o autor, consomem atualmente esses conteúdos produzidos por não profissionais. Isso caracterizaria um “novo universo midiático”, que Manovich descreve como:

Em um nível prático, este universo se tornou possível através das web-plataformas grátis e ferramentas de softwares baratas que permitem que as pessoas possam compartilhar os seus conteúdos e ter fácil acesso às mídias produzidas por outros; rapidamente baixaram os custos de mídia de captura de qualidade profissional de dispositivos como as câmeras de vídeo HD, além das máquinas fotográficas e de vídeo para capturar com os celulares. O que é importante, porém, é que este novo universo não era simplesmente uma versão melhorada da cultura midiática do século XX. Ao invés disso, passamos da mídia para a mídia social. (Assim, podemos dizer também que nos graduamos do vídeo / filme do século XX para o vídeo social no início do século XXI) (MANOVICH, In: LUGAR COMUM Nº28, p. 283).

Da mídia à mídia social. Do filme/vídeo para o vídeo social. Estas passagens sintetizam exemplarmente os usos das redes nos movimentos políticos da multidão.

Considerações finais: as imagens da multidão

Politicamente, até pela pouca distância dos acontecimentos, é difícil prever os resultados das manifestações que ocuparam (e ocupam) as metrópoles mundiais nos últimos meses. De qualquer forma, o processo de construção das biolutas parece já estar configurando outras formas de vivenciar e construir as cidades, e as suas imagens. Os

¹⁰ Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM), texto disponível em: *Carnet de Notes*, <<http://andrelemos.info/publicacoes/artigos/>>.



corpos anestesiados pelo conforto e pela disciplina da modernidade parecem estar despertando transfigurados nesse corpo monstruoso da multidão. As cidades de espaços esvaziados, dos não-lugares e das grandes vias de circulação, começam a ser tomadas por corpos desejanter e potentes.

Esse processo acontece ao mesmo tempo em que a representação imagética dessa cidade sai das telas do cinema, da televisão e dos computadores, e atualiza-se em uma realidade expandida (ou reconstruída) com o uso intenso dos dispositivos das mídias locativas, que desenham outras cartografias em cima dos mapas já existentes.

Mais do que isso, acreditamos que essa produção imagética também pode ser considerada uma forma de resistência política, passando pelo que Gilles Deleuze denominou de arte do controle. Ou seja, um tipo de resistência que age dentro do próprio dispositivo de poder que a produz: dobrando-o. O cinema combatendo-se dentro do seu próprio campo de imagens. Essa produção engendra, assim, processos de subjetivação por meio dos corpos-câmera em simbiose que se voltam para uma produção fílmica do pequeno, do cotidiano, do pessoal. De certa forma, a dimensão política dos filmes feitos com mídias locativas e móveis passa por tornar coletivo o que pertence a um indivíduo: o cinema do eu-sozinho se potencializa em múltiplos.

Estamos, assim, diante de uma nova visibilidade do espaço urbano e das lutas que se configuram nele – e o reconfiguram, simultaneamente. Visibilidade do tempo real, do *livestream*. E, um pouco como os usuários que assistem e transmitem as manifestações das biolutas, ainda não sabemos qual será o final do filme. Pois, como multidão, somos todos personagens.

Referências bibliográficas

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

COMOLLI, J-L. **Ver e poder**: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DELEUZE, G. **A imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. “Negri e Hardt escrevem sobre a revolta árabe”. Disponível em **Outras Palavras**: <<http://www.outraspalavras.net/2011/02/25/arabes-desbravam-uma-nova-democracia/>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

LEMONS, A. “Arte e Mídia Locativa no Brasil”. Disponível em **Carnet de Notes**: <<http://andrelemos.info/publicacoes/artigos/>>. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVIII Encontro a Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009. Acesso em: 25 de abril de 2012.

_____. “Ciberespaço e Tecnologias Móveis - Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura”. Disponível em *Carnet de Notes*: <<http://andrelemos.info/publicacoes/artigos/>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

_____. “Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes”. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/DHMCM.pdf>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

MANOVICH, L. **The language of new media**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2001.

_____. “A Prática da Vida (Midiática) Cotidiana”. **Lugar Comum** n. 28, pp. 283-296. Disponível em: <[http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/28/21%20A%20Pratica%20da%20Vida%20\(Midiatica\)%20Cotidiana.pdf](http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/28/21%20A%20Pratica%20da%20Vida%20(Midiatica)%20Cotidiana.pdf)>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

NEGRI, A. “Para uma definição ontológica da multidão”. In: **Lugar Comum** n. 19-20, pp. 15-26. Disponível em: <<http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/19-20/03%20PARA%20UMA%20DEFINICAO%20ONTOLOGICA%20DA%20MULTIDAO.pdf>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

_____. “A Espanha rebelde”. In: **Revista Global**, n. 14. Disponível em: <<http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?p=663>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

PELBART, P. P. “Poder sobre a vida, potência da vida”. In: **Lugar Comum** n. 17, pp. 33-43. Disponível em: <<http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/17/06%20PODER%20SOBRE%20A%20VIDA%20POTENCIA%20DA%20VIDA.pdf>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

SILVA, A. S. “Arte e tecnologias móveis: hibridizando espaços públicos”. In: PARENTE, A. (org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.